

T
E
R
R
O
R
B
R

O ÚLTIMO NATAL



UM CONTO DE NATAL



DARK

BRUNO RIBEIRO

VOLUME

2

LÁGRIMAS NATURAIS
DE PESSOAS
NÃO NATURAIS.



DARKSIDE



UM CONTO DE NATAL
DARK



FOR
BRUNO RIBEIRO

UM CONTO DE NATAL
DARK

O ÚLTIMO NATAL

BRUNO RIBEIRO

Ele abre os olhos. Do seu lado, a esposa. Casamento simples. Poucos convidados. Amor de pouca duração. Filho antes do casamento. Filhos. O pai de família acorda, desce, observa a sala espaçosa, segue até a cozinha, abre a geladeira em busca de um leite ou algo do tipo. O banho e a punheta matinal seguidos no cardápio pela omelete da esposa querida. A çacula e o rebelde se sentam na mesa. Um café da manhã como outro qualquer.

Enquanto o homem vai ao trabalho, ele se recorda dos seus tempos de artista. Tempos que não voltam. Tempos em que os seus sonhos eram reais. Ele quase podia tocar neles, sentir e cheirar. Agora... Só restou isso.

Um dia natural na vida do homem normal.

Nossos sonhos são misturados de uma forma estranha, como se fossem ingredientes de algum bolo exótico, porém saboroso. Ilusão. Desejo. Amor. Autorrealização. Sucesso. Não necessariamente nessa ordem. E nessa lista amiga, algumas drogas podem entrar também, afinal, sem elas tudo se torna sem graça.

Por conta disso que o pai de família se tornou viciado em cocaína. O pessoal do escritório conhecia alguns distribuidores. Para quem passa o dia inteiro em um escritório fechado, apertado e extremamente gelado fazendo a mesma coisa diariamente, lidando com números como uma espécie de robô, vale tudo, até aspirar energia.

Uma noite natural na vida do homem estressado.

O homem voltava para casa, de vez em quando dava uma com a esposa. Desgastado dos pés a cabeça pelas suas próprias escolhas miseráveis. Os filhos dormiam. O mais velho envolvido com drogas? Possibilidades infinitas. Quando se tem um filho com essa idade nada é assustador. Talvez a caçula envolvida com drogas?

O homem raciocina bastante. Fuma um cigarro na noite. A mulher dorme. Quando foi que ele desistiu dos seus sonhos? A maioria bota a culpa no casamento, outros, nos filhos. Via de dois rumos e duas batidas. Se você não se completou como irá completar o outro?

O homem fuma e pensa. Sem ser um pensador.

O cérebro funcionando como uma manivela, velha e suja, a qual ninguém passou um óleo ou uma vaselina para fazê-la rodar melhor. A mulher dorme e chora. O homem não sabe disso. Nunca saberá. As luzes da árvore de Natal comprada no cartão, dividido em dez vezes, brilha nas feições deles. A esperança é a última que morre, mas ela já nasce morta.

Dia seguinte é Natal, o dia da alegria e de ganhar presentes. Perdão, filho de Deus, poucos se lembram de você nesse dia. Bem, quem poderia competir com o capitalismo na forma de um velho sorridente e barbudo? Barba branca, claro. Um sábio da neve em um país tropical.

Um dia não natural com atitudes naturais.

O homem compra os presentes, a mulher recebe os convidados. Os pais, sobrinhos, irmãos e irmãs. E claro, os velhos. Avôs e avós. Os que observam a família com os olhos pequeninos, encolhidos e inquisidores. Os velhos sempre foram os mais sagazes e respeitados, hoje não. Nos tempos atuais, eles ficam à deriva. Por bem ou por mal, o rosto do vovô ainda brilha quando vê o neto rebelde descer as escadas.

O rebelde quer ser cantor de rock.

Os pais investiram em tudo. Os vizinhos cobriram os custos para fazê-lo calar a boca.

Custo e benefício. Um filho normal com um talento mais normal ainda.

Uma obra-prima.

É Natal. Simone rolando. Piadas clichês. Beijos e falsidades. Os pequenos gritam de alegria, dia de brinquedo. Os adultos sorriem: o bolso nem tanto. O rebelde senta-se à mesa com a cara fechada. Além de cantor é ateu. Na sua camisa, uma frase: “Jesus is dead!” Que provocador. Em seu teste de QI, ele conseguiu 140. Se isso irá ajudá-lo a ser algo na vida, acho que nem Einstein responderia. Talvez o ajude a ser comentarista político de algum programa fascista. Tá na moda.

O peru assado chega e a mesa treme. Muita comida e risadinhas e comentários de “que delícia”. A avó irá soltar as palavras católicas e amorosas. Para isso, os velhos ainda servem: Rezar e proferir discursos de agradecimento e fé. Enquanto todos se emocionam ou fingem se emocionar, o homem da casa e a mulher choram bastante.

Lágrimas naturais de pessoas não naturais.

O rebelde fica rindo baixinho.

A lágrima do casal é diferente das lágrimas do resto da família. Ninguém percebe isso, todos na casa continuam sorrindo, abraçando-se e se amando, dizendo: “Olha como os dois estão emocionados, olha que bonitinho!”.

O casal se abraça e é audível o grito interno de ambos. É a euforia presa em suas vidas ferradas e malsucedidas. Frustração arde como brasa. Os velhos ficam olhando sem entender nada. O resto é sempre o resto: bêbados, sorridentes e famintos. O filho rebelde olha para os pais, abaixa a cabeça e sobe para o seu quarto.

O homem olha para cima e vê a sua obra de arte indo embora. Ele sabe o que o filho está aprontando. Ele viu as cordas embaixo da sua cama. Um brilho ofuscante e dolorido o cega. É a verdade da sua vida. Da sua opção. O que restou para ele é isso: o caminho pelo qual ele trilhou e, como se sabe, não tem mais volta e nem saída. Este Natal, esta celebração, este vazio de risadas e afetos: inesquecível, sem dúvidas esse Natal será inesquecível, sim. Enquanto escuta o barulho da porta do rebelde ser fechada com sutileza, pela primeira vez na vida, o homem cheio de peru e farofa na boca inveja o seu filho roqueiro e brinda ao som da sua família feliz. Inesquecível.

BRUNO RIBEIRO é escritor, tradutor e roteirista nascido em 1989, em Pouso Alegre, Minas Gerais, e que atualmente vive em Campina Grande, Paraíba. Autor de *Arranhando Paredes* (2014), traduzido para o espanhol pela editora argentina Outsider, *Febre de Enxofre* (2016), *Glitter* (2018), finalista da 1ª edição do Prêmio Kindle e Menção Honrosa do 1º Prêmio Mix Literário, *Bartolomeu* (2019) e *Como Usar um Pesadelo* (2020). Mestre em Escrita Criativa pela Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF), venceu em 2020 o Prêmio Machado DarkSide® com o romance *Porco de Raça* e também o Prêmio Todavia de Não Ficção. Saiba mais em brunoribeiroblog.wordpress.com.

UM CONTO DE NATAL
DARK



DARKSIDEBOOKS.COM